

RESENHAS

TORRANO, JAA (2013). O PENSAMENTO
MÍTICO NO HORIZONTE DE PLATÃO.
COLEÇÃO ARCHAÏ. SÃO PAULO:
ANNABLUME CLASSICA.

Hector Benoit*

* Professor de Filosofia
Grega da Universidade de
Campinas.

O livro de Torrano é constituído por dez artigos publicados nas duas últimas décadas. Apesar do período extenso que cobrem da obra do autor, os artigos possuem grande unidade. Em sentido contrário à tradição, que privilegiam na leitura de Platão as interpretações de Aristóteles e do neoplatonismo, Torrano procura ler Platão a partir dos poetas, particularmente, Hesíodo e Homero, assim como dos poetas trágicos. Fator este que por si só torna a obra de uma originalidade extrema.

A principal tese defendida pelo autor é que para compreendermos os *Diálogos* de Platão devemos entender que existe uma homologia estrutural entre a noção mítica de *Theós* – que Torrano traduz por “Deus(es)” – e a noção de *Idéa*, ou seja, com isto, altera toda a interpretação meramente conceitual da chamada “teoria das ideias” que recebemos, em grande parte, da *Metafísica* de Aristóteles. Mas, além daquela homologia central entre “Deus(es)” e *Idéa*, o autor vai mais longe e nos adverte que não podemos traduzir *Theós* por “Deus” sem possuir uma grande cautela. Deus não seria um ingrediente entre outros, mas sim, uma noção fundamental no pensamento mítico arcaico, rica e complexa, que no pensamento mítico orienta o próprio sentido do discurso. Isto se repetiria, por exemplo, na *República*, permitindo compreender melhor a própria noção de mito e a distinção entre mentir bem e não mentir bem.

Refere-se aos *týpoi perì theologhías*, ou seja, “as marcas que devem ostentar as narrativas a respeito dos Deuses para que possam ser consideradas verdadeiras”. Enumera então, citando a *República*, duas marcas: 1) Deus é essencialmente

bom e portanto causa unicamente de bens, e 2)”Deus é inteiramente simples e verdadeiro em palavras e em atos, e nem ele se altera nem ilude os outros, por aparições, por falas ou por envio de sinais, nem em vigília nem em sonhos.”(*República*, 382 e 8-11).

Na primeira marca, segundo o autor, a noção de “bem” não é ainda totalmente esclarecida, isto somente ocorre no final do livro VI, quando se constrói a imagem do sol. Nesse momento, a ideia de bem aparece “determinada por tríplice causalidade”, como causa do ser, da verdade e do conhecer (Torrano, p.85). Por outro lado, na segunda marca, em que se afirma a simplicidade de “Deus” assim como a sua constância na forma, transparece a descrição da noção filosófica de “ideia”. Um pouco mais adiante (p.86), Torrano coloca a sua tese principal, aquela de que “para Platão, a noção mítica de “Deus” corresponde no pensamento mítico ao sentido e função filosófica que ‘ideia’ tem no discurso filosófico.” E acrescenta que as duas noções, a mítica (“Deus”) e a filosófica (“ideia”) teriam em comum a referência ao fundamento, aquilo que se nomeia “*Theós*” no pensamento mítico e “*idéa*” no discurso filosófico.

Haveria uma hierarquia que realiza a distinção entre os diversos graus de participação no ser, no conhecimento e na verdade. Esta hierarquia seria também uma transposição para o discurso filosófico daquilo que Torrano intitula “a ontologia própria do pensamento mítico”(p.90). Segundo o autor essa “ontologia” mítica trabalha com diversas distinções correspondentes às diversas instâncias do divino e enumera: Deuses, Numes e heróis. Existiriam também as diversas zonas cósmicas: os locais onde habitam os Deuses Olímpios, a terra designada como negra, onde residem os mortais, a casa de Hades, onde habitam os mortos, e o Tártaro, que aparece na *Teogonia* de Hesíodo, um local onde existiria a privação total do ser e uma queda sem direção infinita.

Neste caso, como nos outros, a transposição do pensamento mítico teria sido realizada em perfeita homologia com o discurso filosófico. Nesse sentido, lembra a imagem da caverna do livro VII da *República*, que seria evidentemente a dimensão dramática da linha descrita no livro VI filosoficamente. Como escreve o autor, “a ação desse

drama se descreve como dupla ofuscação de dupla origem, segundo se percorre a via do ascenso do grau ínfimo ao grau máximo do conhecimento e assim do ser e da verdade, ou – em sentido inverso – a via do descenso dos graus maiores aos graus menores de participação no ser, na verdade e no conhecimento”(p.90).

No entanto, até que ponto o discurso filosófico pode-se completar plenamente em homologias com o discurso mítico? O discurso mítico permanece no terreno das imagens e do sensível. O discurso filosófico não exigiria o território mais firme dos conceitos e do inteligível? A própria ideia de bem não pode ser pensada como imagem, mas sim, como um ente inteligível e sem ela não se atinge a ciência mais alta. Como diz Sócrates no livro VI: “vós me escutastes dizer frequentemente que a ideia de bem é o objeto da ciência mais alta e que é dela que as outras virtudes recebem sua utilidade e suas vantagens (...) nós não conhecemos exatamente esta ideia e se nós não a conhecemos (...) sabeis que não nos servirá nada outro conhecimento, sem a posse do bem o conhecimento de qualquer outra coisa nos é inútil.” (*República*, 505 a).

Torrano, consciente, se aproxima do problema em dois artigos do livro: aquele intitulado “A noção platônica de imagem” e no artigo “Entre cão e lobo: com sofista por mestre”. Assim, escreve: “A ideia do bem é a causa da cognoscibilidade das coisas cognoscíveis, de sua verdade e de seu ser, sem que a ideia do bem seja ser nem ciência, mas a causa do ser, da ciência e da verdade.”(p. 99) No entanto, parece contentar-se ainda com a imagem afirmando: “Nessa imagem do sol, apresenta-se, e de certa maneira define-se, a ideia do bem por uma tríplice causalidade: o bem é a causa do conhecimento, da verdade e do ser.”(p. 99). Ora, logo a seguir, cita a célebre passagem que reafirma a transcendência extrema da ideia de bem que a torna incognoscível: “Logo, para os objetos do conhecimento dirás que não só a possibilidade de serem conhecidos lhes é proporcionada pelo bem, como também é por ele que o ser e a essência lhes são adicionados, apesar de o bem não ser uma essência, mas estar acima e além da essência, pela sua dignidade e poder.”(*República*, 509 b).

Diante dessas palavras de Sócrates, Glauco ironicamente afirma: “Por Apolo, que maravilhosa transcendência!” (*Rep.* 509c) Ora, evidentemente, a transcendência extrema do bem, que causa risos, reafirma que não se conhece o conceito de bem. Ainda que reconhecendo a ironia de Glauco, Torrano passa adiante e começa a comentar a questão da linha, como se Sócrates não houvesse caído em uma aporia (p.100). A imagem da linha, embasada na imagem do sol, que passa então a ser o tema de Sócrates, apenas vem reafirmar a impotência conceitual para conhecer a ideia de bem. Nesse sentido, a homologia do pensamento filosófico com o pensamento mítico parece insuficiente e relativamente insatisfatória.

De maneira similar, sem que nos aprofundemos no problema, a questão da imagem é tratada, a nosso ver, de maneira insuficiente no artigo “Entre cão e lobo: com sofista como mestre”. Torrano não penetra no âmago conceitual do diálogo *Sofista*, que é aquele do parricídio a Parmênides e de uma ruptura com a tradição das antigas doutrinas sobre o ser. Talvez isto ocorra porque entraria em choque com a teoria da homologia entre o pensamento mítico e o pensamento filosófico.

Seja como for, o livro de Jaa Torrano é extremamente original e trata-se de uma grande contribuição aos estudos platônicos.

Recebido em abril de 2014.
Aprovado em junho de 2014.